

# O caminho do endividamento para o investimento

O GLOBO

Economia  
Brasil

HELIO DE MENDONÇA LIMA

É hora de união em torno do pacto social proposto pelo Presidente Tancredo Neves. Estamos otimistas quanto aos resultados esperados para 1985. Basta que cada um cumpra a sua parte.

No campo político, devemos estar atentos para que os compromissos assumidos pelos dirigentes da Aliança Democrática sejam realmente cumpridos: a austeridade nos gastos governamentais, o implacável combate à corrupção, a promoção do desenvolvimento social, o combate à inflação.

Os primeiros indícios de que a Nova República veio para melhor já estão aparecendo. Tivemos um mês de inflação de 7,2%, o mais baixo índice desde dezembro de 1983, os juros no mercado financeiro já começam a ceder, e há neste, um excesso de liquidez, permitindo que o governo controle melhor a expansão da base monetária. Há otimismo também na área de exportação e a expectativa é de que o superávit da balança comercial de abril seja superior a US\$ 1 bilhão. O dólar cede um pouco no mercado internacional, favorecendo as informações do Mercado Comum Europeu.

Enfim, a expectativa é muito positiva. Resta saber como o governo vai controlar seus próprios gastos e ao mesmo tempo promover o crescimento econômico e social.

A classe trabalhadora está unida e fortalecida, e vemos os aumentos sindicais serem concedidos com 100% do INPC para todas as faixas, além de concessões de até 4 ou 5% de produtividade. Até onde isso pode ser concedido sem que pressione os custos e, conseqüentemente, a inflação é que não sabemos. Se estamos esperando uma inflação descendente, os aumentos concedidos com base na inflação passada vão difi-



HELIO DE  
MENDONÇA LIMA  
é o Presidente  
da Credicard

cultar o trabalho para a sua diminuição no futuro, o que vem em prejuízo da própria classe trabalhadora. O nível de emprego não atingiu ainda o de 1980, e a população desde aquela data já aumentou em 12 milhões de pessoas, gerando um contingente de desempregados de 7 milhões de trabalhadores. É preciso, portanto, aumentar o número de empregos.

A classe política, neste momento, deve procurar caminhos junto às lideranças sindicais e empresariais para estabelecer a trégua e o pacto social. A responsabilidade de solução para os problemas brasileiros está em nossas mãos e não podemos deixar escapar a oportunidade. Não deve haver lugar para extremismos nem ravanismo. A hora é de negociação e concessão.

O maior desafio está na promoção do desenvolvimento social, cujo básico está na educação, alimentação, moradia, saneamento básico e saúde. A concentração populacional nas grandes metrópolis e Nordeste, sem nenhuma condição social e sem perspectivas para que as gerações futuras venham a alcançar condições melhores, agravará os problemas de desemprego e criminalidade.

No campo do desenvolvimento econômico existem fórmulas que permitem o crescimento sem ônus para o governo, melhorando o nível de emprego sem que o superávit da nossa balança de pagamentos seja comprometido. A

primeira delas é, evidentemente, um esforço ainda maior no campo das exportações. O nosso maior mercado ainda é o mercado americano que importa US\$ 217 bilhões, e nossa participação ainda é *relativamente pequena*, embora seja necessário admitir que é também o mercado mais cobiçado por todos os países exportadores. A segunda fórmula tem relação com a forma de exportação: procura-se estimular a troca de mercadorias ("countertrading"), evitando-se que a conversão de moedas estrangeiras, pelos exportadores, venha a pressionar a emissão de moeda interna, e sua conseqüência inflacionária. A troca de automóveis por petróleo tem sido um sucesso e este é um caminho viável para outras exportações. Evidentemente, o crescimento das exportações traz aumento do nível de emprego e a ampliação da capacidade de consumo interno.

Outra importante fonte de recursos para promoção do desenvolvimento econômico é a atração de capital estrangeiro, desde que condicionado a aplicações estáveis e de longo prazo. Para tanto é preciso que algumas leis internas sejam revistas, já havendo estudos nesse sentido. Esse capital tanto pode vir na forma de investimento direto (companhias no exterior investindo no Brasil), como indireto, através do mercado de ações. Esta, aliás, é a *forma mais democrática*, mais livre e cujo potencial é incomensurável. O preço de nossas ações negociadas em Bolsa é irrisório e o montante em dólares das companhias (mesmo as estatais como Petrobrás e Vale) é *muito pequeno*, se comparado com as bolsas de Nova York e Londres. O estímulo à abertura de capital nas empresas seria muito maior, e este poderia ser o caminho para sairmos da sociedade do endividamento para a sociedade do investimento.